



EL LÁPIZ DEL CARPINTERO: ENTRE A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A LITERATURA

Crislaine Alessandra de Lima Scher
(PPGL/UNIOESTE – Mestrado)

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza
(UNIOESTE)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Crislaine Alessandra de Lima Scher possui graduação em Letras - Português/ Espanhol e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (2014) e em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa (2017), pós-graduação em Coordenação Pedagógica pela Universidade Católica Dom Bosco (2018) e, atualmente, é aluna de mestrado na área de Linguagem e Sociedade pela UNIOESTE (2018), com bolsa Capes. E-mail: crislainealessandra@hotmail.com

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza possui graduação em Letras Português/Espanhol, mestrado e doutorado em Letras pela UNESP/Campus de Assis. É professora da área de Espanhol do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). É professora do Programa em Pós-Graduação em Letras - Linguagem e Sociedade - da UNIOESTE, em nível de mestrado e doutorado. É membro dos grupos de pesquisas Narrativas Estrangeiras Modernas da UNESP/Campus de Assis-SP e Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens da UNIOESTE/Campus de Cascavel-PR. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Hispânicas, Língua Espanhola e Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Espanhola e Hispano-americana Contemporâneas; Literatura, História e Memória; Literatura, Cultura e Ensino. E-mail: adrifuza@terra.com.br

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de pesquisa e análise desenvolvida sobre o tema da guerra civil espanhola e sua representação na obra literária *El lápiz del carpintero* do escritor e jornalista galego Manuel Rivas. Publicado em 1998, o romance atesta a importância da literatura em revisitar o passado neste momento crucial de esquecimento da história. Neste sentido, trazer as discussões sobre a memória recente da Espanha e sua configuração no discurso literário é essencial para a manutenção da história antifranquista. Nossas exposições e análises foram elaboradas a partir de estudos bibliográficos, considerando o contexto histórico, as relações entre memória, história, literatura e os estudos comparados. Fizemos uma breve explicação sobre a obra escrita por Manuel Rivas e, a partir da leitura do romance e das teorias de Elena Martini (2011) e María Corredera González (2010), apresentamos uma perspectiva da literatura de memória e sua importância na construção de narrativas que remontam aos acontecimentos marcantes para a sociedade espanhola contemporânea.

RESUMEN

El presente trabajo es el resultado de la investigación y análisis desarrollada sobre la guerra civil española en la obra literaria española *El lápiz del carpintero* del escritor y periodista gallego Manuel Rivas. Publicada en 1998 la novela atestigua la importancia de la literatura revisitar el pasado en este momento crucial del olvido de la historia. En este sentido, traer discusiones sobre la memoria es esencial para la manutención de la historia del antifranquismo. Nuestras exposiciones y análisis fueron elaboradas a partir de estudios bibliográficos, considerando el contexto histórico, las relaciones entre memoria, historia, literatura y los estudios comparados. Hicimos una breve explicación sobre la obra escrita por Manuel Rivas y, a partir de la lectura de la novela y de las teorías de Elena Martini (2011) e María Corredera González (2010), presentamos una perspectiva de la literatura de memoria y su importancia en la construcción de narraciones que remontan a los acontecimientos impactantes para la sociedad española contemporánea.



PALAVRAS-CHAVE	PALABRAS CLAVE
Literatura Espanhola; Memória; Guerra Civil Espanhola, Manuel Rivas.	Literatura Española; Memoria; Guerra Civil Española, Manuel Rivas.

INVENTÁRIO

INTRODUÇÃO

A Guerra Civil Espanhola, que ocorreu entre os anos de 1936 e 1939, foi um acontecimento muito marcante na história da Espanha e suas consequências permanecem na atualidade. Com o intuito de revelar os horrores da guerra, principalmente os ocorridos na Galícia, o escritor galego Manuel Rivas escreveu sua obra mais famosa, *El lápiz del carpintero* (1998), que será analisada neste artigo.

O romance de Rivas relata a história de amor entre o médico republicano Daniel da Barca e Marisa Mallo e apresenta ao leitor uma visão do que foi a Guerra Civil através dos olhos do guarda franquista Herbal, que persegue o casal protagonista. Situada durante o período da Guerra Civil Espanhola e do pós-guerra, a obra também apresenta episódios entre franquistas e intelectuais republicanos, perseguidos e presos durante o período da ditadura franquista.

Escrito originalmente em galego, o romance foi traduzido para diversos idiomas, tais como o português e o espanhol, tomando grande proporção no cenário literário que, segundo a pesquisadora Elena Martini (2011, p.18), “[...] parece casi que la pluma rivasiana sabe derribar las fronteras y salvar las distancias culturales y geográficas existentes entre los diferentes países en los cuales sus obras han sido traducidas”, ou seja, os leitores de diversos outros países conseguem se identificar e se comover com *El lápiz del carpintero*. Apesar do grande prestígio da obra na Espanha e em parte da Europa, no Brasil não há muitas pesquisas e estudos sobre o romance, o que motivou a realização deste trabalho, por considerar enriquecedor estudar a literatura contemporânea, principalmente, quando esta reflete eventos marcantes da história de seu país e da história mundial, realizando uma conexão entre literatura e história.

Os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola fornecem amplo campo de inspiração para a criação de diversas manifestações artísticas. Entre elas, as obras literárias nas quais as narrativas apresentam uma constante mescla entre ficção e fatos históricos. Na Espanha, sempre houve grande produção literária sobre esta questão, a investigadora María Corredera González considera que:

La creación literaria no cesó sin embargo con el final de la guerra, sino que ha continuado hasta nuestros días; en los años posteriores a la contienda, el tema de la guerra civil siguió siendo para numerosos escritores y cineastas, tanto extranjeros como españoles, sobre todo aquellos que vivieron en el exilio, motor de materia literaria y testimonial, así como producción fílmica. (GONZÁLEZ, 2010, p. 10)

A leitura e o estudo da obra se pautaram nas teorias da literatura comparada que percebe a elaboração literária como um constante diálogo entre os diversos discursos que, no caso da obra escolhida, percebe-se as relações, aproximações e divergências

entre a literatura, a memória¹ e a história da Espanha e do Mundo.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

1.2 A GUERRA CIVIL E O PÓS GUERRA

Após o término da ditadura, houve uma necessidade de se comentar sobre aqueles momentos que haviam sido trancafiados em algum lugar na memória dos espanhóis, diante disso, os escritores e intelectuais começaram a retomar os temas, até então, proibidos. Romances, peças de teatro, filmes e outras formas de arte começaram a ser produzidas na Galícia e em outros lugares da Espanha, todas elas com o mesmo objetivo, reavivar a memória esquecida, não permitir que os horrores da guerra fossem deixados de lado e, acima de tudo, dar conhecimento às futuras gerações sobre o que havia acontecido, para que assim não fosse permitido que o caos se instaurasse na Espanha novamente.

São muitos os escritores que estão e estiveram interessados em escrever sobre o que aconteceu durante a guerra e durante a ditadura, fazendo com que o passado que estava quase esquecido pudesse ser lembrado, que histórias individuais pudessem ser contadas e que se expusessem todas as barbaridades cometidas contra os cidadãos, entre esses autores estão Juan Mayorga, com a obra *El Jardín Quemado* (2001) e Jesús Ferrero, com *Las Trece Rosas* (2003). Na literatura galega, autores como Manuel Rivas passam a escrever e discutir sobre o tema. Rivas é um dos exemplos mais representativos da época, pois sempre abordou sobre a Guerra e suas consequências políticas, culturais e sociais. Segundo o autor:

Tenemos que actuar contra el virus de la desmemoria y evitar que se imponga el imperio del cinismo. Lo que está dentro de nuestras posibilidades, para empezar, es luchar contra el silencio y la apropiación indebida del sentido de las palabras. Contra la usurpación de las conciencias. (RIVAS, 2004, n.p.)

As ideias de Manuel Rivas refletem em algumas de suas obras mais importantes relacionadas à Guerra Civil e ditadura. Entre elas está *El lápiz del carpintero*, que retrata o trauma passado durante a guerra e a ditadura, os fuzilamentos, os exílios, a grande violência e a repressão. Manuel Rivas busca retomar a memória destes eventos através da escrita. Entretanto, todos esses autores não presenciaram os acontecimentos que são

¹ Jacques Le Goff (2008), considera que o conceito de memória é crucial para a compreensão da sociedade e de sua história. O autor pondera que a memória histórica precisa ser conceituada a partir da experiência das sociedades orais e sua memória coletiva e das sociedades cuja escrita é primordial para a manutenção das lembranças.

por eles narrados em suas obras. Sobre o tema, Lopes- Quiñones afirma que:

La narración de ese tiempo pasado no se realiza, en el caso de estos escritores, sobre la base de las vivencias y la memoria personales, sino en función de narraciones y recuerdos ajenos, de la investigación historiográfica, de la consulta de fuentes literarias anteriores, en definitiva, sobre la aceptación de la guerra como narración y discurso de otros. (LOPES-QUIÑONES, 2006, p. 36)

Ao que parece, Manuel Rivas tem consciência de que as histórias da guerra são narrativas do outro e por isso, busca mostrar que quem detém o poder sobre a narrativa é quem vivenciou os acontecimentos, tanto que os primeiros capítulos da obra apresentam um jornalista entrevistando um ancião que sobreviveu a todos os percalços da guerra e do pós-guerra, ou seja, são as vivências dele e suas memórias que dão vida às histórias que serão posteriormente publicadas no jornal.

O romance *El lápiz del Carpintero* foi escrito em uma época na qual, segundo Corredera González (2010, p. 11), “*el tema de la guerra civil ha vuelto a ocupar de nuevo a España un destacado lugar en la cultura y en la opinión pública, con enorme y especial resonancia en la literatura*”. As gerações que não passaram pelos terrores da guerra mantem, atualmente, grande respeito ao passado e as vítimas desse processo. As obras literárias produzidas acerca deste contexto, portanto, servem a estas pessoas como forma de apresentá-las às memórias deste passado que pertencia aos seus familiares. Segundo Martini:

Rivas atribuye parte de su éxito al hecho de que siempre se ha comprometido a dar a conocer ‘a gran riqueza menos coñecida’, es decir aquellos acontecimientos pasados en silencio durante años que reaparecen en esta obra cargados de nuevos significados y explicaciones. (MARTINI, 2011, p. 57).

Esses acontecimentos surgem na obra *El lápiz del carpintero* e os encarregados de receber as memórias são Maria da Visitação, prostituta no bordel onde Herbal trabalha como guarda, e Carlos Sousa, repórter que entrevista o Doutor Daniel da Barca após seu regresso para a Espanha, depois da morte de Franco. Eles representam a ausência de memória, não tem antecedentes do passado e, no caso de Carlos, não há interesse em conhecer esse passado, pois ele representa a geração da transição. A personagem Maria da Visitação, estrangeira sem conhecimentos sobre os temas políticos da Espanha – o que é notado nos momentos em que ela questiona Herbal sobre fatos da história que ele está contando – apenas se interessa na história de amor que vivem Marisa Mallo e Daniel da Barca, ou seja, ela representa a parte da população que não é espanhola, mas que vive na Espanha e não busca se informar sobre os acontecimentos marcantes do país. Já Carlos Souza representa a população espanhola que vive na Espanha e que não

tem interesse pelos acontecimentos passados, esse desinteresse pode ser motivado pelo *Pacto del Olvido*, que levou os espanhóis a esquecerem certos eventos acontecidos no período de guerra e pós-guerra.

Isso mostra a ambiguidade da personagem de Carlos Souza, ao mesmo tempo em que ele representa o desinteresse de sua geração, também representa a busca pelo conhecimento, pois ele realiza entrevistas para o jornal, que visam contar as histórias das vítimas e fazer com que essas informações possam ser acessadas por todas as pessoas.

2 O ROMANCE EL LÁPIZ DEL CARPINTERO

2.2 ESTRUTURA E ANÁLISE

Na obra *El lápiz del carpinteiro*, o período histórico da guerra é muito bem delineado, isso se deve ao fato da obra ter sido escrita depois da guerra e da ditadura. É formada por 20 capítulos, sendo o terceiro capítulo o mais curto, com apenas uma página. O romance foi publicado em 1998, mas tem sua história narrada em 1936, durante os acontecimentos da Guerra. *El lápiz del carpinteiro*, apesar de narrar e resgatar a memória dos vencidos, consegue transpassar os relatos e as sequelas da Guerra, pois apresenta o quadro do franquismo e ao mesmo tempo serve de “lugar de memória” (NORA, 1993) para a Espanha. Manuel Rivas tenta, a partir de seu romance, permitir que os espanhóis possam reconstruir sua identidade, que até então estava submersa pelos traumas da guerra e da ditadura.

A história da narrativa ocorre na Galícia, atualmente Comunidade Autônoma da Espanha, durante o período da Guerra Civil e do pós-guerra, no qual a língua e cultura galega foram proibidas e perseguidas e muitos dos seus defensores foram obrigados a abandonar a Espanha e se refugiar em outros países. No romance, *El lápiz del carpinteiro*, Manuel Rivas busca reconstruir esse cenário por meio da narrativa. O romance retrata a história de amor entre o Dr. Daniel da Barca e Marisa Mallo, porém, essa história de amor tem diversos percalços causados por uma guerra, além disso, a obra apresenta também a vida de Daniel da Barca e de alguns intelectuais dentro da prisão e seus translados para diversas prisões na Espanha.

O romance possui dois narradores, o guarda franquista Herbal, e o lápis do carpinteiro, narrador onisciente, que representa a consciência do pintor e o acompanha durante a trama. Esse jogo de narradores torna a narrativa complexa, permitindo que muitas vezes o leitor não consiga identificar a origem das vozes que narram o romance,

como se nota no seguinte fragmento:

He visto a un hombre y a una mujer hacerse de todo, pero aquellos dos se bebían uno al otro. Se lamían el agua con los labios y con la lengua. Sorbían en las orejas, en el hueco de los ojos, cuello arriba desde los pechos. Estaban tan empapados que se debían de sentir desnudos. Se besaban como dos peces. De repente, Herbal dibujó con el lápiz dos líneas 3paralelas en la servilleta de papel blanco. Y luego las cruzó con otras más gruesas y cortas. Las traviesas. (RIVAS, 2013, p. 128-129).

No trecho, os dois narradores entram em contato, como acontece nos momentos de interferência do narrador onisciente durante as falas de Herbal e nas suas memórias, sem que o leitor perceba de imediato esta intervenção. O trecho a seguir, retirado da citação, exemplifica este movimento: *“Se besaban como dos peces. De repente, Herbal dibujó con el lápiz dos líneas paralelas en la servilleta de papel blanco”*. A primeira frase é dita por Herbal, já a segunda é feita pelo narrador onisciente e não há nenhuma marcação explícita da troca de narradores, por isso o leitor deve estar atento para compreender as intervenções realizadas ao longo da obra. No decorrer do romance, nota-se a importância deste narrador onisciente e de suas intervenções, já que muitas vezes apresenta características psicológicas de Herbal, mostrando como o personagem se sente em relação à Marisa Mallo, como ele fica atormentado pelas lembranças de sua infância pobre e dura, sobre os seus sentimentos em relação à sua irmã e ao seu ambiente de trabalho, entre outros acontecimentos. Quando Herbal toma o lápis para si, transforma-o na sua consciência, é ele quem mostra a fragilidade do guarda e toda a sua paixão obsessiva por Marisa e, acima de tudo, é o lápis que o acompanha até o fim da vida. Nestes termos, assevera o narrador:

Herbal se apoyó en el quicio de la puerta. En la noche lluviosa y venteada, el néon de la valquiria parpadeaba con una obscenidad triste. El perro del cementerio de coches le ladraba a la procesión de faros. Una letanía de buril en la oscuridad. Herbal notó el ahogo y deseó que lo arrasara por dentro una ráfaga de aire. Por el camino arenoso que llevaba a la carretera, la vio por fin venir. La Muerte con sus zapatos blancos. Por instinto, palpó buscando el lápiz de carpintero. ¡Ven, cabrona, ya no tengo nada! (RIVAS, 2013, p. 170).

Diante de toda a relação que nasce entre o lápis e o guarda, perdurando durante todo o resto de sua vida, é possível compreender o motivo dos dois serem narradores da obra. A partir disso, quem de fato nos apresenta o romance é o guarda franquista Herbal, o que demonstra que apesar da obra retratar o lado dos vencidos, ou seja, dos republicanos, exhibe um espaço para que os leitores possam se compadecer pelos nacionalistas, que foram os vencedores da Guerra Civil. Segundo Paloma Aguilar Fernández, *“[...] al finalizar la Guerra Civil, [...] se fraguraron dos interpretaciones contrarias y maniqueas sobre la misma. Ambas contaron la historia de los acontecimientos vividos en términos*

de <<buenos>> y <<malos>>” (FERNÁNDEZ, 2008 432). O bem era representado pelos nacionalistas e o mal pelos republicanos, partindo do pressuposto de que as histórias normalmente são narradas pelos heróis, Manuel Rivas permite que a narrativa siga esse modelo, incorporando as faces de bem e mal impostas pelo governo ditatorial da época, mas se utiliza do relato do próprio guarda Herbal para fazer com que o leitor possa tirar suas conclusões sobre quem é de fato o herói e o anti-herói da história. Além disso, a narrativa sob o ponto de vista do guarda franquista, permite que haja muitos detalhes acerca de como funcionava o regime ditatorial e de como era o trabalho dos guardas que perseguiram os defensores e líderes republicanos.

Fue después de las elecciones de febrero de 1936, cuando ganó el Frente Popular. El sargento Landesa reunió en secreto a un grupo de hombres de su confianza y lo primero que les dijo fue que aquella reunión nunca había tenido lugar. Grábense bien esto en la cabeza. Lo que aquí se hable, nunca se ha hablado. No hay órdenes, no hay instrucciones, no hay jefes. No hay nada. Sólo existo yo, y yo soy el Espíritu Santo. No quiero cagadas. A partir de ahora ustedes son sombras, y las sombras no cagan, o cagan blanco como las gaviotas. Quiero que me escriban una novela sobre cada uno de estos elementos. Quiero saberlo todo. (RIVAS, 2013, p. 42).

O trabalho de investigação realizado pelo bando nacionalista era cuidadoso e meticuloso, eles buscavam analisar todos os itens da vida de seus alvos e, por isso ameaçavam e perseguiram os seus adversários.

No terceiro capítulo inicia uma narrativa retrospectiva feita por Herbal. Os dois primeiros capítulos são utilizados para a apresentação de Daniel da Barca e Marisa Mallo, isso ocorre por meio de uma entrevista feita pelo jornalista Carlos Souza:

En el periódico le habían dicho: hazle una entrevista. Es un viejo exiliado. Cuentan que hasta trató al Che Guevara en México. ¿Y eso hoy a quien podría importarle? Sólo a un jefe de información local que por las noches lee Le Monde Diplomatique. Sousa aborrecía la política. En realidad aborrecía el periodismo. (RIVAS, 2013, p. 12).

Neste fragmento, é possível identificar o desinteresse de Carlos Souza pelo passado, retrato da geração de Manuel Rivas, a qual ele busca representar na obra por meio do jornalista como uma crítica a essa geração desinteressada pelo passado comum e coletivo da Espanha.

A partir do trecho citado acima, é plausível compreender que os protagonistas do romance são apresentados em um cenário distante da guerra, mas é apenas no último capítulo da obra que se pode deduzir que o ano da narrativa é 1997, esse dado não está na obra, mas é possível realizar essa dedução, pois, segundo Martini (2011):

Puesto que la figura del Doctor Da Barca se inspira en la de Francisco Comesaña

y sabiendo que este valiente hombre murió en febrero de 1997, se puede suponer con convicción que cuando Herbal dibuja la cruz en la escuela estamos hacia finales de los Noventa. (MARTINI, 2011, p. 64).

Além disso, os anos de 1990 foram um período emblemático, visto que foi nesta época que se retomou a memória da Guerra Civil e do franquismo. Já que Rivas busca tornar a obra uma forma de reestabelecer vínculos com uma memória apagada e esquecida, utiliza-se dessa época para situar seu romance.

Ao desenhar a cruz e ver os nomes de Marisa Mallo e Daniel da Barca no jornal, Herbal se recorda do significado que os dois tinham para ele e de tudo que viveu quando seguia os dois, esse pode ser considerado o ponto que desencadeia a narrativa do guarda para a prostituta Maria da Visitação, uma vez que se sabe que Herbal inicia por vontade própria a narrar a história de amor entre Daniel e Marisa. Ao perceber que a história que eles viveram poderá ser esquecida, a única forma que Herbal vê de manter vivas aquelas memórias é começar a contá-las para outra pessoa e, na ocasião, quem está presente ao seu lado é a prostituta Maria da Visitação.

Os demais capítulos da obra estão situados meses antes do início da guerra, durante e depois da guerra, constituindo um único bloco narrativo que remonta às memórias de Herbal, entre elas, os fuzilamentos, as torturas, as perseguições, as mortes, a sua dura infância e o seu amor não correspondido por Marisa Mallo. A partir dos relatos de Herbal, é possível entrar no mundo de outras personagens como Da Barca, Marisa Mallo e o pintor.

El lápiz del carpintero apresenta diversas personagens, todas com grande importância para obra, pode-se destacar quatro protagonistas, sendo eles o narrador Herbal, o republicano Dr. Daniel da Barca, a bela Marisa Mallo e o pintor.

Herbal é o anti-herói do romance e é ele quem narra a trajetória de Daniel da Barca. É apresentado no início da obra como guarda de um bordel, responsável por limpar o local e ainda cuidava para que os clientes não saíssem sem pagar. Com o desenrolar da narrativa, pode-se conhecer com profundidade a vida de Herbal. Sua infância foi muito triste e pobre, sempre manteve boa relação com sua irmã Beatriz, mas ambicionava deixar a aldeia em que vivia, pois não tinha uma boa relação com os pais, o que se comprova no fragmento: *“Habría que venderte a ti, y no al cerdo, murmuraba su padre. Si es que alguien te quisiera”*. (RIVAS, 2013, p. 50).

É ainda na infância que Herbal conhece Marisa Mallo, por quem se apaixona de imediato e por quem mantém um amor secreto durante a vida inteira. Quando a viu pela primeira vez na feira da Fronteira, na qual ele havia ido com os pais para vender um porquinho e batatas novas, ele retornou diversas vezes ao local com o pai e já não se importava com o humor com que o patriarca da família estava, seu interesse na feira era

outro. Herbal pôde acompanhar o crescimento de Marisa Mallo, a transformação de uma bela criança em uma bela mulher; foram essas pequenas visões que mantinham em sua memória que sustentaram o seu amor por Marisa.

Mais tarde, ao findar o serviço militar, resolveu se tornar guarda. No fim de 1935, Herbal descobre que Marisa está apaixonada por Daniel quando o Sargento Landesa, em fevereiro de 1936, apresenta uma lista de nomes republicanos a serem vigiados, Herbal percebe que o nome de Da Barca está na lista e se oferece para ser a sombra do médico, afirmando não ser nada pessoal, o que era mentira. Em outras palavras, Herbal torna-se seu vigia pelo fato de ser um inimigo político e, mais do que isso, por ser seu inimigo no amor. Mais à frente, Herbal realiza a prisão de Daniel da Barca e acompanha todo o seu percurso desde Santiago de Compostela, Coruña e depois Valencia.

Apesar de toda a perseguição que Herbal realizou e todos os crimes que ele cometeu, entre eles o assassinato do pintor, nota-se que ele se arrepende de todas as coisas ruins que fez e que essas maldades o perseguem durante toda a vida, assim, ele convive com a voz do pintor na sua mente e esse é o maior castigo que ele poderia ter.

Daniel da Barca era um médico republicano, teve origem cubana e era muito inteligente e respeitado por todos, antes de ser preso trabalhava na Beneficência Municipal de Santiago, no manicômio de Conxoe era auxiliar na Faculdade de Medicina. Na obra, a personagem é descrita como sendo:

[...] alto y de pecho bravo. Todo en él era echado para delante. La frente, la nariz judía, la boca de labios muy carnosos. Cuando se explicaba, desplegaba los brazos como alas y los dedos parecían hablar para los mudos. (RIVAS, 2013, p. 48).

Além de médico, Daniel também era conferencista, panfletista e lutava pelos direitos das mulheres. Nota-se que Da Barca tinha um grande dom para a oratória e ao vê-lo pela primeira vez em uma conferência, Marisa retorna várias vezes ao local. Iniciam um namoro, mas logo após, Daniel é preso por um grupo nacionalista. Durante sua estadia na prisão, é visto como um revolucionário, uma vez que insiste no movimento de resistência, como, por exemplo, quando acontece a vitória dos nacionalistas na Guerra Civil:

El capellán leyó el telegrama que el papa Pío XII acababa de enviarle a Franco el 31 de marzo: "Alzando nuestro corazón a Dios, damos sinceras gracias a Su Excelencia por la victoria de la católica España." Fue entonces cuando se escucharon los primeros carraspeos. Era el doctor Da Barca, le contó Herbal a Maria da Visitação. Lo sé porque yo estaba a su lado y lo miré duramente, llamándolo al orden. Pero aparte de mirarlo como a un bicho, cosa que ni le inmutó, yo no sabía muy bien qué hacer. La suya era una tos seca, fingida, como la de esa gente fina que va a los conciertos. Por eso para mí fue casi un alivio que

la tos se extendiese como un gigantesco carillón que se desprende de campanario. (RIVAS, 2013, p. 96-97).

Da Barca é um dos presos que demonstra insatisfação com a vitória nacionalista e como não pode realizar nenhum ato direto com relação ao seu sentimento, resolve usar a tosse como uma forma de rebeldia frente aos vencedores que os tinham como prisioneiros, ele sabia também que qualquer outra forma de rebeldia poderia causar alguma represália e castigo para ele e os demais presidiários. Quando preso, ainda continua com os hábitos do seu cotidiano, faz a barba, penteia o cabelo, ou seja, Da Barca não se deixa abater pelos horrores da prisão e pelos maus tratos sofridos no ambiente de cárcere. Esses pequenos atos encorajam os demais detentos a acreditarem que possam sair vivos da prisão, se tornando um revolucionário em um espaço que a princípio não permitiria tal comportamento. É também, um líder dentro da prisão, está sempre com os demais presos, a contar histórias ou a intervir em momentos de confusões e desavenças com os guardas. Daniel é um símbolo de heroicidade aos seus companheiros de prisão, pois é fiel aos seus ideais e está disposto a sacrificar a vida pelas coisas em que acredita, como manter os cuidados dos presos doentes, os quais conhecia pelo nome. O seu amor por Marisa não cessa, portanto, luta para viver esse amor até o fim.

No romance, Marisa Mallo surge como uma bela jovem, de família abastada e influente: “*Ahijada del alcalde, la hija del notario, la hermana pequeña del señor cura párroco de Fronteira, y, sobre todo, la nieta de don Benito Mallo*” (RIVAS, 2013, p.48). O maior objetivo de Marisa Mallo é estar com o amor de sua vida, Daniel Da Barca, assim, ela tenta permanecer próxima e o visita em todas as prisões em que ele é levado e tenta ajudá-lo de todas as maneiras possíveis. É por meio de Marisa que fica esclarecido que sua família não aprova o namoro com Daniel, tanto pelo fato de ele ser médico recém-formado e não possuir bens, como por ele ser republicano.

É uma personagem que se destaca por fazer sacrifícios em nome do amor, ser valente, dizer sempre o que pensa, ser aventureira e atuar seguindo sua consciência e seus valores. Marisa enfrenta até mesmo sua família para ficar ao lado de Da Barca e, em alguns momentos, suplica ajuda ao avô, que pertence ao bando dos vencedores, para salvar e libertar Da Barca:

Vengo a pedirle un favor.

Eso está bien. Es mi especialidad.

Hace ya un año y ocho meses que ha acabado la guerra. Dicen que habrá indultos para Navidad.

[...] No te voy a engañar, Marisa. Hice todo lo posible para que lo matasen.

Ahora, el mayor favor que os puedo hacer es no hacer nada.

[...] No voy a hacer nada más. Sigue tu camino. Ese es mi favor.

[...] Pasado mañana, dijo volviéndose de nuevo hacia Marisa, sale un tren de Coruña. Un tren especial. Y tu doctor va en él. (RIVAS, 2013, p. 103).

A personagem Marisa é uma heroína da guerra, representa a busca pelo verdadeiro amor e, também, a grande guerra paralela que as esposas, mães, filhas e todas as mulheres espanholas travaram durante os anos da guerra civil e do pós-guerra, enfrentando todos os dias o desconhecido, sem saber se iriam encontrar seus familiares ou se teriam mais um dia de luta pela frente.

Por fim, outra personagem de grande destaque na obra é o pintor, que fora preso por atirar pedras nas casas de algumas pessoas que compartilhavam os ideais de Hitler. O lápis que ele possuía e utilizava para fazer os seus desenhos dentro da prisão foi recebido de um carpinteiro. O pintor era uma pessoa honrada e um homem de grande cultura. Foi condenado à morte por ser aquele que “pinta as idéias”, sendo considerado perigoso por ser capaz de ilustrar pensamentos revolucionários por meio de imagens: *“Es muy peligroso, había dicho el sargento Landesa. ¿Peligroso? Si ése no es capaz ni de pisar una hormiga. !Qué sabréis vosotros!, respondió enigmático. Es el cartelista, el que pinta las ideas.”* (RIVAS, 2013, p. 26)

Os cartelistas eram muito importantes nesse contexto, pois expressavam em seus cartazes os ideais de cada grupo. As imagens eram utilizadas como arma na conquista por novos adeptos tanto aos nacionalistas quanto aos republicanos. No momento de seu fuzilamento, Herbal atira na cabeça do pintor, assassinando-o. Após o ocorrido, Herbal toma para si o lápis do pintor e o coloca na orelha, carregando o objeto sempre com ele. O pintor, depois de ser assassinado segue o guarda como uma voz no seu subconsciente:

A veces el difunto descabalgaba de la montura de la oreja, se le iba de la cabeza y tardaba en volver. Andará por ahí, en busca de su hijo, pensaba el guardia Herbal con algo de nostalgia, porque al fin y al cabo el pintor le daba conversación en las horas de vigilia, en las noches de imaginaria. Y le enseñaba cosas. Por ejemplo, que lo más difícil de pintar era la nieve. Y el mar, y los campos.(RIVAS, 2013, p. 83).

Neste trecho, percebe-se que o guarda estava ciente da presença do pintor e, em certos momentos, necessitava dele para não estar só e, também, porque o pintor o ajudou em algumas ocasiões, nas quais estava indeciso, como quando sugere que ele envie Da Barca para a prisão de Coruña. Esse espaço é dado para o pintor na mente de Herbal, porque ele se arrepende do assassinato. Ao usar a voz do subconsciente como conselheiro, Herbal age tentando se redimir do crime cometido por ele, ou seja, ele segue os conselhos como forma de redenção de todos os atos cometidos tanto contra o próprio pintor, quanto contra Da Barca e contra os demais presos e pessoas que sofreram em suas mãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso realizado até agora foi possível perceber que *El lápiz del carpintero* é uma obra bastante ampla e complexa, que exige muito empenho e interesse por parte do seu leitor. Sendo uma narrativa permeada com grandes fatos da História, é possível que o leitor construa imagens, através dos narradores e personagens, do que representou a Guerra Civil e o período ditatorial espanhol para os espanhóis deste período que carregavam as memórias esquecidas dos seus antepassados.

Manuel Rivas apresenta ao leitor uma quantidade significativa de pequenas histórias da guerra, relatos de amor, lendas, poemas e canções, deixando que o leitor construa sua própria opinião acerca de como esses tópicos eram vividos e sentidos no meio do caos da época.

A literatura de Rivas se propõe em contribuir para a construção da identidade e consciência dos espanhóis, uma vez que o que existia foi destruído pelo período da ditadura franquista. Ao buscar a memória do passado, o autor faz com que ela seja repensada e analisada, tornando-se exemplo de uma situação que os espanhóis não deveriam permitir que se repita.

Ao transformar Herbal no narrador principal da obra, coloca também os nacionalistas como narradores, como personagens principais de sua obra, mostrando como eles conseguiram se apossar do que pertencia à população que não compartilhava estes ideais, ou seja, da população que acreditava nos ideais republicanos.

Rivas busca dar voz ao povo, dar voz as pessoas anônimas para mostrar como elas viviam e sobreviviam no regime da época, por isso o guarda franquista é quem narra a história junto com o lápis, ele é uma personagem que representa uma pessoa do cotidiano e não um intelectual, político ou militar. Pode-se concluir que, para Manuel Rivas, a narrativa atua como um elemento de resistência para reavivar as memórias em um processo de resgate do passado, que tem a intenção de proporcionar justiça aos indivíduos que sofreram atentados no período da Guerra Civil e pós-guerra.

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, P. “Memoria Histórica” In: **Diccionario político y social del siglo XX español**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

GONZÁLEZ, Maria Corredora. **La guerra civil española en la novela actual: silencio y diálogo entre generaciones**. Madrid: Iberoamericana, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2008.

LOPES-QUINONES, A. **La guerra persistente: Memoria, violencia y utopía: representaciones contemporáneas de la Guerra Civil española**. Madrid: Iberoamericana, 2006.

MARTINI, E. **El lápiz de la memoria: la Guerra Civil en Manuel Rivas**. 2011. 158 p. Università Degli Studi di Padova – Facoltà di Lettere e Filosofia.

NORA, P. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: PUC/SP (Org.). **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1993. p. 7-28.

RIVAS, M. **Prestige: renacer en el naufragio**. Galícia: Xornal.com, 2004. Disponível em: <http://archive.is/nxAuO>. Acesso em: 27 mar. 2014.

RIVAS, M. **El lápiz del Carpintero**. Madrid: Prisa Ediciones, 2013.

Título em espanhol:
**EL LÁPIZ DEL CARPINTERO:
ENTRE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA Y LA LITERATURA**